

## PERCEPÇÕES DA IDADE DE OURO NOS POETAS AUGUSTANOS

Roberto Arruda de Oliveira (UFC)

[rarrudaufc@gmail.com](mailto:rarrudaufc@gmail.com)

### RESUMO

A Idade de Ouro, a esperança num novo tempo de paz e tranquilidade, propiciou, pode-se dizer, a Virgílio a elaboração da *Bucólica IV*. A partir do mito da Idade de Ouro, ao qual vários autores latinos fazem referência, nosso objetivo maior será o de demonstrar a singularidade virgiliana, o Eterno Retorno, em comparação com a abordagem do referido mito atestado em Ovídio, Horácio e Tibulo, na criação de seu texto poético.

Palavras-chave: Idade de Ouro. Bucólicas. Virgílio.

### 1. Considerações iniciais

Uma leitura atenta da *Bucólica IV* nos leva a crer que todo o poema converge de fato a uma só ideia: a celebração da paz. Virgílio encontra na força propulsora do mito o elemento indispensável do seu fazer poético. É possível depreender-se que o mito da Idade de Ouro constitui o modelo idealizado no qual o poeta se inspirou para compor o que se poderia chamar de *pax uirgiliana*. Virgílio retoma a descrição do mito hesiódico, mas a sua perspectiva é nova, na medida em que a Idade de Ouro se vincula no poema a um tempo futuro. Seguindo as pegadas de Hesíodo, os autores latinos servem-se do mesmo modo desta idade mítica, ressaltando-lhe o paraíso existente *in illo tempore*, contrapondo-a, com frequência, com a realidade dura e cruel da Idade de Ferro. Virgílio, como poeta-vate, evoca a idade áurea que parece se coadunar com o momento histórico: a assinatura do tratado de paz em Brindes. A paz, anseio de todos, seria, pois, o *leitmotiv* para a composição do poema, encontrando eco nos versos do poeta. Não se trata de uma simples descrição nostálgica, mas de um texto que preconiza os ideais de um povo sacrificado pelas constantes guerras.

### 2. Hesíodo e as Quatro Idades

Hesíodo nos apresenta em *Os trabalhos e os dias* duas narrativas míticas, que se interligam: a história de Prometeu e Pandora e o mito das

raças. Ambas falam de um tempo em que os homens não conheciam os sofrimentos e as doenças. Na primeira, os homens são forçados por Zeus, como vingança pelo roubo do “fogo do céu”, ao trabalho. Na segunda, Hesíodo nos fala da sucessão – seguida de uma decadência progressiva – das diversas raças de homens. Essas raças condizem em valor com os metais dos quais tiram os nomes e cujo valor decresce de acordo com a raça: em primeiro lugar o ouro, depois a prata, o bronze, e, em quarto lugar, o ferro. Às raças de ouro, prata, bronze e ferro, “adiciona uma quinta, a dos Heróis, que não tem correspondente metálico” (VERNANT, 1990, p. 26), e a põe entre a de bronze e a de ferro, quebrando assim a simultaneidade entre as raças e os metais.

O velho poeta camponês, forçado talvez pelo pessimismo suscitado pelo regime, digamos, feudatário em que se inseria, imaginou que nessa raça de ouro – criada, segundo ele, pelos deuses –, os homens viviam como deuses, não envelheciam e sua morte assemelhava-se a um sono profundo. Passavam o tempo numa eterna juventude, em banquetes e festas, levavam uma vida feliz, sem trabalho, e a terra produzia por si própria frutos em abundância. A morte, que vinha depois de uma longa velhice, era-lhes somente um agradável sono. Na raça de prata, os homens se degeneraram, tornando-se maus e descuidados de seus deveres para com os deuses. E na de bronze começaram a matar-se uns aos outros. A dos Heróis foi pouco melhor que as duas últimas e, em seu decurso, ocorreu a Guerra de Tebas e a de Troia. À época em que Hesíodo escreveu *Os Trabalhos e os Dias*, a raça era a de ferro, a qual, avessa à lealdade e à justiça<sup>25</sup>, estava condenada a suportar, curvando-se nas glebas, a opressão dos poderosos e dos maus. Nela os homens conheceram as doenças, a velhice e a morte, as incertezas do futuro, a Inveja e o Egoísmo. Reina a Discórdia, e a Vergonha e a Justiça abandonam a terra. Nela conheceram os homens Pandora – punição de Zeus aos homens por Prometeu<sup>26</sup> lhes ter conseguido o “fogo do céu”,

---

<sup>25</sup> Segundo Alfred Croiset e Maurice Croiset (1900, p. 96) percebe-se em *Os Trabalhos e os Dias* um profundo sentimento de injustiça do qual o próprio Hesíodo foi vítima: “O poeta se dirige a alguém que o lesou, que quis se enriquecer pela trapaça; o sentimento de sua injúria pessoal é muito vivo nele” - *L'auteur s'adresse à quelqu'un qui lui a fait tort, qui a voulu s'enrichir par la fraude: le sentiment de son injure personnelle est très vif en lui.*

<sup>26</sup> Prometeu foi considerado o criador da raça humana. Teria feito o homem manuseando argila e água. Durante o reinado de Cronos (Saturno entre os romanos) não havia diferença entre deuses e homens. Com o advento dos Olímpicos, Zeus quis impor aos homens a supremacia divina. Fez-se então uma reunião entre os mortais e os imortais para determinar que parte das vítimas dos sacrifícios deveria caber aos homens e quais aos deuses. Encarregado da partilha, Prometeu abateu um

que por ele havia sido roubado – e a necessidade de trabalhar a terra para produzir o próprio alimento: eis o princípio da produção dos alimentos e da reprodução. Doravante o homem é agente de sua própria história: depositará uma semente (esperma) nas entranhas da mulher, e outra, o grão do cereal, nas entranhas da terra.

Comparando a *Bucólica IV* com *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, identificamos alguns trechos que atestam semelhanças entre os dois poetas ao tratar o mito da Idade de Ouro. Confrontando os vv. 112-113: “Eles (=os homens) viviam como deuses, o coração isento de preocupações, longe e protegidos das dores e das desgraças” (*Ὡς τε θεοὶ δ’ ἔζωον ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ διζύου*), com os vv. 15-16 da *Bucólica IV*, podemos comprovar isso: “Aquele<sup>27</sup> criança receberá a vida dos deuses, e verá os heróis misturados aos deuses; ela também será vista entre eles”<sup>28</sup> (*Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit / permixtos heroas et ipse uidebitur illis*). Semelhança bem maior com Hesíodo encontramos entre o verso 39 de Virgílio: “Toda terra produzirá

---

boi enorme, pôs de um lado as vísceras, a carne e os pedaços mais gordos; do outro lado, arranjou traiçoeiramente os ossos cobertos com um brilhante toucinho. Zeus, convidado a escolher, optou pelo segundo; indignado, jurou vingança: ficou revoltado contra Prometeu e contra os mortais que haviam sido favorecidos. Prometeu, então, roubou de Hefesto (Vulcano) um pouco do fogo da forja e deu-o aos homens, ou, segundo outra versão, roubou o fogo das rodas do “Carro do Sol”. Assim, Zeus novamente pune os mortais e seu Benfeitor: aos primeiros, pede a Hefesto que forje uma criatura de beleza incomparável, a primeira mulher, Pandora (todos os dons), com o coração cheio de perfídia e de discursos enganadores; ao outro, prendeu-o com grilhões de aço no cimo do Cáucaso e determinou que uma água lhe roesse diariamente o fígado, que à noite se refaria.

<sup>27</sup> O poeta nos diz que ela terá uma vida digna dos deuses, uma imagem, uma evocação àquela que Hesíodo atribui aos heróis. Uma das características da Idade de Ouro era a vida em comum entre homens, heróis e deuses; e, por isso, os heróis ou semideuses eram, muitas vezes, filhos dum deus ou duma deusa, ou simplesmente homens deificados pelos benefícios feitos à humanidade, como foram Hércules, Castor e Pólux, Teseu, etc. – cf.: Ov., *Fast.* 1. 247 e ss.: “Eu (=Jano) reinava ao tempo em que a terra admitia os deuses e em que as divindades se misturavam aos humanos...” - *Tunc ego regnabam, patiens cum terra deorum / Esset, et humanis numina mixta locis...*

<sup>28</sup> Podemos ver aí uma alusão às epifanias ou às manifestações divinas na terra, fenômeno que, popularizado nas grandes nações do Oriente, havia sido aceito pela civilização grega depois de Alexandre e tinha se tornado comum entre os poetas romanos do século de Augusto, imitadores dos poetas gregos de Alexandria. Assim como alguns reis gregos do Egito e da Síria, os ptolomeus e os antíocos receberam pela lisonja de seus súditos o cognome de Epifânio, i.e., “deus visível na terra”. Da mesma forma, Horácio não hesita em afirmar que Augusto é um “deus presente na terra”, como Júpiter é no céu – cf.: Hor., *Od.* 3. 5. 1-3: “Acreditávamos que era Júpiter quem reinava no céu; Augusto será tido como um deus presente na terra” - *Caelo tonantem credidimus Iovem / Regnare; praesens diuus habebitur Caelo tonantem credidimus Iovem / Regnare; praesens diuus habebitur / Augustus.*

todas as coisas” (*Omnis feret omnia tellus*), e os versos 117-118 de *Os Trabalhos e os Dias*: “O fecundo solo produzia por si mesmo uma abundante e generosa colheita” (*Καρπὸν δ’ἔφερε ζείδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλὸν τε καὶ ἄφθονον*). Da mesma forma, os versos 38-39 do poeta mantuano: “Por si mesmo retirar-se-á o navegante do mar, e nem o pinheiro náutico<sup>29</sup> trocará mercadorias” (*Cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus / mutabit merces*), parece desenvolver a ideia contida nos vv. 236-237 do poeta grego: “E eles não se lançam de forma alguma ao mar, pois que o fecundo solo lhes fornece a ceifa” (*Οὐδ’ἐπι νηῶν / νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζείδωρος ἄρουρα*) □ □ E, por fim, o feliz desejo a que Virgílio aspira nos vv. 53-54: “Oxalá me reste a última parte de uma tão longa vida, e tanta inspiração quanto for necessário para celebrar teus feitos” (*O mihi tum longae maneat pars ultima uitae, / spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!*), parece-nos ser uma réplica a um triste desejo de Hesíodo (vv. 174-175): “Praza aos céus que eu por minha vez não tivesse de viver em meio à quinta raça, e que eu ou tivesse morrido mais cedo ou nascido mais tarde” (*Μηκέτ’ἔπειτ’ὄφελλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι / ἀνδρασιν, ἀλλ’ἢ πρόσθε*) □ □ As perspectivas de ambos os autores são diversas: enquanto Hesíodo aponta para um passado paradisíaco, Virgílio aponta para o futuro promissor.

Ovídio e Tibulo descreverão também o modo de vida dos mortais na Idade de Ouro, e Horácio um lugar paradisíaco que dela nos faz lembrar. Ovídio retoma a Idade de Ouro sob uma ótica que lembra Hesíodo: simplesmente descreve um tempo já consumado. Horácio põe-na sob o prisma do sonho, descreve-a como se a visse em pensamento e busca-a como única forma de fugir dos conflitos de sua época. Não faz parte do tempo mítico, mas existe em seu presente, nas ilhas Afortunadas: tratar-se-ia, pois, de um lugar imaginário. Tibulo a vê no passado, contrapõe-na às guerras e às disputas de sua época, sonha com um passado inalcançável e sem volta. Na *Bucólica IV*, a

---

<sup>29</sup> A mesma expressão para *navis* (*nautica pinus*, v. 38) encontramos em Horácio – cf.: *Od.* 1. 14. 11: “Embora pinheiro do Ponto” - *Quamuis Pontica pinus*. Antes da moeda, todo o comércio se fundamentava pela troca de mercadorias (*mutabit merces*, v. 39), prática ainda presente em muitos lugares – cf.: *Hor.*, *Sát.* 1. 4. 29: “Este troca as mercadorias donde o sol se levanta àquela região Ocidental onde o sol se amorna” - *Hic mutat merces surgente a sole ad eum quo / Vespertina tepet regio*.

concepção dessa idade é totalmente diferente<sup>30</sup> da dos outros poetas: Virgílio, evocando o mito do Eterno Retorno, profetiza sua volta<sup>31</sup>.

### 3. *Ovídio: um paraíso perdido*

Ovídio no livro I de suas *Metamorfoses* (vv. 89-112), depois de falar da origem do mundo, da separação dos elementos que compõem a terra e da criação do homem, descreve-nos a Idade de Ouro:

Aurea prima sata est aetas, quae uindice nullo,<sup>32</sup>  
Sponte sua, sine lege fidem rectumque colebat. 90  
Poena metusque aberant nec uerba minantia fixo  
Aere legebantur, nec supplex turba timebat  
Iudicis ora sui, sed erant sine uindice tuti.  
Nondum caesa suis, peregrinum ut uiseret orbem,  
Montibus in liquidas pinus descenderat undas 95  
Nullaque mortales praeter sua litora norant.  
Nondum praecipites cingebant oppida fossae;  
Non tuba directi, non aeris cornua flexi,  
Non galea, non ensis erat; sine militis usu  
Mollia securae peragebant otia gentes. 100  
Ipsa quoque immunis rastroque intacta nec ullis  
Saucia uomeribus per se dabat omnia tellus;  
Contentique cibus nulla cogente creatis  
Arbuteos fetus montanaque fraga legebant  
Cornaque et in duris haerentia mora rubetis 105  
Et quae deciderant patula Iouis arbore glandes.  
Ver erat aeternum placidique tepentibus auris  
Mulcebant zephyri natos sine semine flores.  
Mox etiam fruges tellus inarata ferebat  
Nec renouatus ager grauidis canebar aristis; 110  
Flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant  
Flauaque de uiridi stillabant ilice mella.

---

<sup>30</sup> Nas *Geórgicas* (2. 538-540), contudo, Virgílio faz uma ligeira referência à Idade de Ouro sob a perspectiva do passado: "O áureo Saturno levava esta vida na terra; não tinham então os homens ouvido ainda a trombeta ser tocada, nem ainda creptar as espadas postas nas duras bigornas" - *Aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat; / necdum etiam audierant inflari classica, necdum / impositos duris crepitare incidibus ensis*.

<sup>31</sup> Referindo-se no *Da Natureza das Coisas* a uma Idade de Ouro passada, Lucrécio parece querer negar o que Virgílio afirma acontecer numa vindoura e mítica Idade de Ouro. Confira, v.g., o v. 41 da *Bucólica IV* ("Já também o robusto lavrador desatará os bois das cangas" - *Robustus quoque iam tauribus iuga soluet arator*) com o verso 930 do livro V do *Da Natureza das Coisas* ("Nem havia o lavrador robusto do arado recurvado" - *Nec robustus erat curui moderator aratri*).

<sup>32</sup> Valemo-nos do texto da editora Les Belles Lettres (cf. bibliografia).

A Idade de Ouro, a qual, sem qualquer repressão nem lei, cultivava, por sua própria vontade, a retidão e a justiça, foi a primeira a ser criada. O castigo e o medo inexistiam, nem as palavras ameaçadoras da lei eram lidas no fixo bronze, nem a turba suplicante temia o semblante de seu juiz, mas estavam tranquilos sem um justiceiro. Cortado de seus montes, para que visitasse um mundo estranho, o pinheiro ainda não tinha descido até às ondas líquidas, e os mortais não conheciam nenhuma outra praia exceto as suas. Os fossos escarpados ainda não cingiam as cidades; não havia trombeta de forma reta, nem cornetas de bronze recurvado, nem capacetes, nem espadas. Sem o treino de soldados, os povos gozavam em tranquilidade dos doces lazeres. A própria terra também, ileso e não tocada pelo ancinho, nem lavrada por qualquer arado, produzia por si mesma tudo; e os homens felizes com os alimentos, produzidos sem que ninguém os forçasse, colhiam os frutos do medronheiro, e os morangos silvestres, e as cerejas e as amoras pendentes das sebes espinhosas e as bolotas que haviam caído da árvore frondosa de Júpiter. A primavera era eterna, e os plácidos Zéfiro com seus tédidos sopros acariciavam as flores nascidas sem semente. Também a terra não lavrada logo produzia as searas, e o campo não renovado embranquecia de pesadas espigas. Ora corriam rios de leite, ora corriam rios de néctar e o mel dourado destilava da verde azinheira.

Apresenta-nos Ovídio uma concepção idealizada da Idade de Ouro, período que era tão perfeito, tão harmonioso a ponto de desconhecer a força da lei (*Met.* 1. 90), a sentença do juiz (*Met.* 1. 93). Tamanha era essa harmonia, tamanha era a inocência e bondade nos corações humanos, que a justiça não lhes era imposta por leis, mas existia espontaneamente, e espontaneamente era observada (*Met.* 1. 90). Como havia lealdade, confiança entre os seres humanos, ausente estavam as punições e o medo (*Met.* 1. 91): um constante entendimento fazia-se presente nas relações humanas. Devido a essa *fides* – que até pode ser traduzida por “confiança mútua” – as pessoas viviam tranquilas (*Met.* 1. 93), sem medo um do outro e sem disputas: longe dali, pois, o justiceiro (*Met.* 1. 93).

Nos versos seguintes (*Met.* 1. 94-96), vemos uma imagem comum nos poetas cujas obras serviram de base para este estudo acerca da idade áurea (Hor. *Ep.* 16. 57; Tib., *El.* 1. 3. 37-40; Virg. *Buc.* 4. 38-39): a violência do homem contra a natureza (*Met.* 1. 94-95) leva-o a transformar o pinheiro em embarcação para usá-lo tanto para o comércio – na aquisição de produtos de além-mar – quanto para as conquistas, deflagrando as guerras. A ambição humana leva o homem a transformar a natureza que, sem sua intervenção, “produzia por si mesma tudo”, *per se dabat omnia tellus* (*Met.* 1. 101-102). Leva-o ao contato com povos estranhos (*Met.* 1. 96), contato muitas vezes gerador de disputas por terras. Essa ruptura com a natureza conduzirá paulatinamente o homem à Idade de Ferro.

Ovídio novamente nos lembra a tranquilidade, característica marcante da Idade de Ouro, quando nos fala da ausência completa de guerras

e de material bélico (*Met.* 1. 97-100). Referência feita também por Tibulo (*El.* 1. 3. 47-48): a paz regia a vida de todos, tudo se resumia em “doce descanso”, *molliā otia*.

Os homens viviam em absoluta harmonia, uma vez que nem mesmo para o próprio sustento tinham necessidade de cultivar a terra (*Met.* 1. 101-106): tudo que lhes era necessário à subsistência a natureza providenciava. Viviam felizes com a coleta dos frutos do medronheiro, dos morangos, das cerejas, das amoras e das bolotas. Essa mesma imagem da ausência do trabalho agrícola e da constante presença de fartura nos é descrita também por Horácio (*Ep.* 16. 43-46) e por Virgílio (*Buc.* 4. 28-29; 39-40).

Nem mesmo as intempéries da natureza perturbavam o “doce descanso” dos homens: por todos os lados respiravam paz. Não sofriam os rigores do inverno, “a primavera era eterna”, *uer erat aeternum* (*Met.* 1. 107), nem se conheciam tempestades devastadoras: somente os brandos Zéfiro acariciavam as flores nascidas sem sementes (*Met.* 1. 107-108). Horácio já nos fala do “pluvioso Euro que não devasta os campos com chuvas abundantes”, *neque largis aquosus Eurus arua radat imbribus* (*Ep.* 16. 53-54).

Há uma nova recorrência nos versos seguintes (*Met.* 1. 109-110) à imagem de fartura: agora não são mais os frutos, mas os cereais (as searas, as espigas de milho). Ovídio insiste na afirmação da ausência da interferência humana na produção agrícola: a terra “não lavrada”, *inarata* (*Met.* 1. 109) e o campo “não renovado”, *nec renouatus* (*Met.* 1. 110), diz ele. A mesma coisa nos diz Horácio (*Ep.*, 16) no verso 43 (“sem ser lavrada”, *inarata*), no verso 44 (“sem ser podada”, *imputata*) e no verso 45 (“nunca estéreis”, *numquam fallentis*).

Além dos frutos e dos cereais, não faltavam aos homens, segundo Ovídio (*Met.* 1. 111-112), leite e mel. Em outras palavras, diz ele, que nem mesmo tinham os homens necessidade da prática da pecuária e da apicultura, indispensável na época ao adoçamento das bebidas. O substantivo repetidamente usado, “rios”, sugere inesgotabilidade. A mesma referência à produção inesgotável de leite nos faz Horácio (*Ep.* 16. 49-50), Tibulo (*El.* 1. 3. 46) e Virgílio (*Buc.* 4. 21-22). A descrição do mel gotejando da azinheira é uma constante: Ovídio nos diz que “o mel ‘destilava’ da verde azinheira”, *de uiridi stillabant illice mella* (*Met.* 1. 112); Horácio, que “o mel ‘corre’ da azinheira oca”, *mella caua manant ex ili-*

ce (*Ep.*, 16. 47); Tibulo, que “os carvalhos ‘produziam’<sup>33</sup> mel”, *mella dabant quercus* (*El.* 1. 3. 45); Virgílio, em sua visão do futuro, que “os carvalhos ‘destilarão’ orvalhos de mel”, *quercus subabunt roscida mella* (*Buc.*, 4. 30).

#### 4. *Horácio: o refúgio dos sábios*

Horácio apresenta-nos em seu *Epodo 16* (vv. 35-66) uma visão diferente no plano temporal da de Ovídio: fala-nos de uma lugar paradisíaco, ainda existente, reservado por Júpiter a uma parte seleta dos cidadãos romanos. O *Epodo* se inicia com uma descrição dos males que afligiam Roma durante a Guerra Civil entre Otávio e Marco Antônio: os próprios romanos, diz Horácio, estão destruindo Roma; a Roma que suportou e venceu os ataques de todos seus inimigos: os marsos, os germanos, Aníbal, Espártaco, os alóbroges. Utopicamente, Horácio vê uma solução: a fuga de um seletto grupo dos cidadãos, dos mais sábios – seguindo o exemplo dos Feácios –, às ilhas Afortunadas, cuja descrição se assemelha à da Idade de Ouro:

Haec et quae poterunt reditus abscondere dulcis <sup>34</sup>	35
eamus omnis execrata ciuitas	
aut pars indocili melior grege; mollis et exspes	
inominata perpremat cubilia.	
Vos, quibus est iurtus, muliebrem tollite luctum,	
Etrusca praeter et uolate litora.	40
Nos manet Oceanus circumuagus; arua, beata	
petamus arua, diuites et insulas,	
reddit ubi Cererem tellus inarata quotannis	
et imputata floret usque uinea,	45
germinat et numquam fallentis termes oliua	
suamque pulla ficus ornata arborem,	
mella caua manant ex ilice, montibus altis	
leuis crepante lympha desilit pede.	
Illic iniussae ueniunt ad mulctra capellae	
refertque tenta grex amicus ubera,	50
nec uespertinus circumgemit ursus ouile,	
neque intumescit alta uiperis humus;	
pluraque felices mirabimur, ut neque largis	
aquosus Eurus arua radat imbribus,	
pinguia nec siccis urantur semina glaebis,	55
utrumque rege temperante caelium.	

<sup>33</sup> A azinheira (*ilex, icis*), citada por Ovídio (v. 112) e Horácio (v. 47), é uma espécie de carvalho.

<sup>34</sup> Valemo-nos do texto da editora Les Belles Lettres (cf. bibliografia).

Non huc Argoo contendit remige pinus  
neque impudica Colchis intulit pedem,  
non huc Sidonii torserunt cornua nautae,  
laboriosa nec cohors Vlixei 60  
nulla nocent pecori contagia, nullius astri  
gregem aestuosa torret impotentia.  
Iuppiter illa piaie secreuit litora genti,  
ut inquinavit aere tempus aureum;  
aere, dehinc ferro duravit saecula, quorum 65  
piis secunda uate me datur fuga.

Após terem sido ditas estas coisas e as que poderão impedir o nosso doce retorno, partamos, toda a cidade, ou pelo menos a parte melhor que o indômito rebanho; covarde e sem esperança, que este se comprima em suas moradias sinistras! Vós, a quem pertence a coragem, deixai de lado o pranto feminino e voai para além dos litorais etruscos. O oceano que circunda o mundo nos espera: avancemos para os campos, felizes campos, e às ilhas Afortunadas<sup>35</sup>, nas quais a terra sem ser lavrada produz anualmente colheitas, a vinha sem ser podada floresce sempre, cresce o ramo de oliveira, nunca estéreis, o figo maduro orna sua árvore, o mel corre da azinheira oca, dos altos montes a rápida água se lança num salto sonoro. Lá, sem serem impelidas, as cabras chegam para a ordenha, e o rebanho amigo leva suas tetas distensas, nem o urso do entardecer ruge em volta do redil, nem a terra profunda é levantada pela víbora. E, felizes, nós admiraremos coisas bem mais maravilhosas: como aí o pluvioso Euro não devasta os campos com chuvas abundantes, nem as férteis sementes são queimadas nos solos ressecados, graças ao rei dos habitantes do céu<sup>36</sup> que abranda um e outro<sup>37</sup>. Não se dirigiu para lá a nau de remo argonáutico<sup>38</sup>, nem aquela natural da Cóliquida<sup>39</sup> lá também não pisou; nem apontaram para lá as proas de seus navios os marinheiros sidônios nem a fatigada coorte de Ulisses. Nenhuma enfermidade atinge o gado, nem o desmedido calor de nenhum astro consome o rebanho. Júpiter reservou esses litorais à raça piedosa, quando degenerou em bronze a Idade de Ouro. Ele deteriorou os séculos primeiro pelo bronze, depois pelo ferro, dos quais uma fuga favorável é permitida aos homens piedosos, sendo eu o vate.

Já no início dessa descrição percebemos uma grande diferença em relação ao texto de Ovídio: Horácio nos fala da necessidade de atravessar

---

<sup>35</sup> Cuatrecasas (in Hor., 1984, p. 243) nos diz que “as ilhas Afortunadas podem ser identificadas como as ilhas Canárias”- *las islas Afortunadas parece que pueden identificarse con las islas Canarias*.

<sup>36</sup> Ou simplesmente “rei dos deuses”.

<sup>37</sup> Refere-se ao sol e à chuva.

<sup>38</sup> Ou simplesmente “a nau dos argonautas”.

<sup>39</sup> Referência à Medéia.

o oceano e da de fuga (*Ep.* 16. 41), obrigação inconcebível na percepção da Idade de Ouro ovidiana (*Met.* 1. 96).

A descrição horaciana das ilhas Afortunadas evoca o paraíso da idade áurea, conforme Ovídio (*Met.* 1. 101-102; 109-110) e Virgílio (*Buc.* 4. 39-40). Assim, a terra nas ilhas Afortunadas produz, por si mesma, sem os recursos agrícolas, as colheitas (*Ep.* 16. 42-43). Há uvas em abundância (*Ep.* 16. 44), referência não atestada em Ovídio, mas assinalada na descrição virgiliana (*Buc.* 4. 40). Há uma grande similaridade nas imagens relacionadas aos tempos áureos que compõem este epodo de Horácio e a *Bucólica IV* de Virgílio: em vez da construção virgiliana “a terra não admitirá o ancinho, a vinha a foíce”, *non rastros patietur humus, non uinea falcem* (*Buc.* 4. 40), Horácio se refere à vinha com o adjetivo *imputata* (“sem ser podada”, *Ep.* 16. 44), o mel é produzido sem o trabalho da abelha (*Ep.* 16. 47; cf. também: Virg. *Buc.* 4. 30), e as cabras espontaneamente oferecem suas tetas cheias de leite (*Ep.* 16. 49; cf. também: Virg., *Buc.* 4. 21-22).

A oliveira (*Ep.* 16. 45) era tida na antiguidade como símbolo de paz, de abundância, características marcantes da Idade de Ouro; esse sinal de abundância está presente na construção *numquam fallentis* (*Ep.* 16. 45): “que nunca engana ao que espera”, ou simplesmente “nunca es-téreis”.

O mel (*Ep.* 16. 47), como já comentamos em Ovídio, é uma referência constante nos mencionados poetas (Ov. *Met.* 1. 112; Tib. *El.* 1. 3. 45; Virg. *Buc.* 4. 30) e é muitas vezes, como a oliveira (símbolo de paz constante), usado como símbolo de prodigalidade da natureza – ela produz tudo de que os homens precisam –, de fartura; fartura que, queremos crer, está simbolicamente anunciada no verso anterior quando nos descreve a imagem dos figos ornando a árvore (*Ep.* 16. 46) e de uma corrente d’água caindo impetuosamente das alturas dos montes (*Ep.* 16. 47-48): imagens que não deixam de ser também, por sua vez, paradisíacas.

Nesses felizes campos, *arua beata* (*Ep.* 16. 41-42), tamanha é a harmonia entre os homens e a natureza que as cabras “e o rebanho *amigo* sem serem impelidos se dirigem à ordenha”, *iniussae ad mulctra ...grex amicus*. (*Ep.* 16. 49-50). Essa mesma referência nos é feita por Tibulo (*El.* 1. 3. 46) e por Virgílio (*Buc.* 4. 21-22). Em Horácio ressurgue novamente a ideia de abundância no adjetivo *tenta* (*Ep.* 16. 50), qualificativo de *ubera* (*Ep.* 16. 50), assim como em Virgílio aparece o adjetivo *disten-*

ta (*Buc.* 4. 21), também um qualificativo para o substantivo *ubera* (*Buc.* 4. 22).

Nessa região paradisíaca não havia nem mesmo, devido à sintonia entre homem e natureza, a ferocidade dos animais selvagens: o urso vespertino não ameaçava o redil (*Ep.* 16. 51), nem a víbora passeava subrepticamente pela terra (*Ep.* 16. 52). Em Virgílio (*Buc.* 4), podemos identificar a mesma referência nos versos 24 e 25 em que nos fala de uma futura extinção da serpente e da “pérfida erva”, *fallax herba*. Em outras palavras, pode-se perceber que a tranquilidade reina nessa região, e que essa paz condiz com os anseios do poeta bucólico ao mencionar a ausência de malefícios quer no reino animal, quer no vegetal. Enquanto Horácio põe esse repouso em desconhecidas ilhas do oceano, Virgílio a põe numa gradual volta à idade áurea, o Eterno Retorno.

Nem mesmo a temperatura era um elemento de instabilidade ao sossego dos homens: tempestades por lá não havia, tão ameno era o clima. As chuvas provocadas pelo “pluvioso Euro”, *aquosus Eurus* (*Ep.* 16. 54), não eram fortes o suficiente para devastar as plantações, nem tampouco a intensidade dos raios solares era tanta a ponto de ressecar “as férteis sementes”, *pinguia semina* (*Ep.* 16. 55): uma constante mansuetude era dada pelo “rei dos deuses”, *rege caelitem* (*Ep.* 16. 56), à natureza. Ovídio refere-se a uma “eterna primavera”, *uer aeternum* (*Met.* 1. 107), aos “plácidos Zéfios”, *placidi zephyri*, que com seus “tépidos sopros”, *tependibus auris* (*Met.* 1. 107-108), acariciavam as flores: é a mesma evocação de quietude, tranquilidade e despreocupação que os seletos romanos teriam nas ilhas Afortunadas.

Horácio nos diz depois do quanto estas ilhas estavam isoladas do resto do mundo, do quanto estariam livres, os que lá morassem, do contato com povos estrangeiros, e, por conseguinte, de qualquer tipo de conflito, de pilhagem. Poderiam eles viver tranquilos sem a necessidade de se preparar para a guerra, pois nem mesmo os argonautas, símbolo da cobiça e do saque<sup>40</sup>, haviam para lá se dirigido (*Ep.* 16. 57), nem mesmo Medeia, símbolo da vingança e da fúria<sup>41</sup>, havia lá pisado (*Ep.* 16. 58), nem

---

<sup>40</sup> Os argonautas foram heróis gregos que, a bordo do navio Argo e comandados por Jasão, empreenderam uma viagem para a Cólquida em busca do Tosão de Ouro (uma pele de carneiro inteiramente de ouro e dotada de propriedades miraculosas).

<sup>41</sup> Medeia, traída pelo comandante dos argonautas, Jasão, com quem tivera dois filhos, mata por vingança os próprios filhos.

mesmo os marinheiros sidônios (*Ep.* 16. 59), símbolo da ganância e competição comercial<sup>42</sup>, nem “a fatigada coorte de Ulisses”, *laboriosa cohors Vlizei*, símbolo das grandes viagens de conquista – viagens que deixam saudade aos que ficam e incerteza de retorno aos que partem<sup>43</sup> –, haviam “apontado para lá suas proas”, *huc torserunt cornua* (*Ep.* 16. 60). Na Idade de Ouro descrita por Ovídio, o contado com os povos estrangeiros não havia ainda se efetuado: “os mortais não conheciam nenhuma outra praia exceto as suas”, *nullaque mortales praeter sua litora norant* (*Met.* 1. 96). Na Idade de Ouro imaginada por Tibulo nos vem à mente a mesma ideia quando nos lembra não ter ainda “a nau afrontado as cerúleas ondas”, *nondum caeruleas pinus contempserat undas* (*El.* 1. 3. 37).

Estariam os rebanhos não só protegidos do desmedido calor (*Ep.* 16. 61-62) como também das doenças (*Ep.* 16. 61). Aqui Horácio cria um *locus amoenus* – descrito também por Ovídio (*Met.* 1. 107-108) – do qual até os animais usufruíam. Diferentemente de Virgílio, que profetiza o Eterno Retorno, a volta da idade áurea a todo o mundo – “e no mundo inteiro surgirá a raça áurea”, *ac toto surget gens aurea mundo* (*Buc.* 4. 9) –, este *locus amoenus*, as ilhas Afortunadas, seria reservado somente aos virtuosos romanos (*Ep.* 16. 63), em sinal de predestinação como prêmio aos bem-aventurados (*Ep.* 16. 66).

### **5. Tibulo: uma visão nostálgica**

Tibulo (*El.* 1. 3) retoma a temática da Idade de Ouro imprimindo-lhe características peculiares em que se ressaltam não apenas um outro contexto, mas também uma outra ótica, diferente das anteriores. Segundo Ponchont (in TIBULLE, 1924, p. 22), fora escrita pelo ano 29 a.C., quando Messala se encontrava na Grécia. Tibulo, segundo ele, forçado pela pressão que lhe era feita para combater, despede-se de Délia e parte ao encontro de Messala, que o esperava. Ocorre-lhe um imprevisto: adoece durante o percurso e se instala provisoriamente em Corcira. Lá, mergulhado num profundo estado pesaroso, retrata sua dolorosa condição.

De início, deixa o leitor ciente de sua solidão: tudo ao seu redor lhe parece estranho. Não deseja morrer, mas a companhia de seus paren-

---

<sup>42</sup> Os sidônios eram os habitantes de Sídon, cidade da Fenícia, na qual ficava Tiro, famoso porto conhecido por sua púrpura e por seu comércio.

<sup>43</sup> Ulisses, esposo de Penélope, comandou uma viagem, que durou dez anos, de volta a Ítaca.

tes e lugares amados, e, sobretudo, de Délia, que tanto sentiu sua partida. Pede sua cura a Ísis, grata a Délia, a qual saberá lhe retribuir a graça. Como cidadão romano, ele simplesmente dará oferendas ao *Lar Antiquus* (*El.* 1. 3. 23-34). Lembra-nos serem o lucro e a guerra a causa da infelicidade que presencia, e, por isso, entrega-se em pensamento, como único meio de fuga, à lembrança da mítica Idade de Ouro (*El.* 1. 3. 35-50):

Quam bene Saturno uiuebant rege, priusquam <sup>44</sup>	35
tellus in longas est patefacta uias!	
Nondum caeruleas pinus contempserat undas,	
effusum uentis praebueratque sinum,	
nec uagus ignotis repetens compendia terris	
presserat externa nauita merce ratem.	40
Illo non ualidus subiit iuga tempore taurus,	
non domito frenos ore momordit equus,	
non domus ulla fores habuit, non fixus in agris,	
qui regeret certis finibus arua, lapis;	
ipsae mella dabant quercus, ulroque ferebant	45
obuia securis ubera lactis oues.	
Non acies, non ira fuit, non bella, nec ensem	
immiti saeuus duxerat arte faber.	
Nunc Ioue sub domino caedes et uulnera semper	
nunc mare, nunc leti mille repente uiae.	50

Como se vivia feliz sob o reino de Saturno antes que a terra fosse aberta em longos caminhos! A nau ainda não tinha afrontado as cerúleas ondas, nem oferecera as velas soltas aos ventos, nem o errante marinheiro, à procura do lucro em terras desconhecidas, carregara seu navio com mercadoria estrangeira. Naquele tempo, o destemido touro não se submetia ao jugo, nem o cavalo mordía os freios na mandíbula domada. As casas não tinham porta, nem uma pedra fincada nos campos para marcar os acertados limites das lavouras. Os carvalhos por si mesmos produziam mel, e espontaneamente levavam as ovelhas suas tetas de leite aos homens livres de preocupação. Não havia exércitos, nem ódio, nem guerras, nem um cruel ferreiro ainda não forjara a espada com sua funesta arte. Agora, sob o domínio de Júpiter, há constantemente matanças e feridas, agora o mar, agora mil caminhos se abrem repentinamente à morte.

Tibulo nos abre sua descrição acerca da Idade de Ouro ressaltando os felizes tempos do reinado áureo de Saturno (*El.* 1. 3. 35-36) em que a terra não se abrira ainda para longas viagens quer comerciais, quer bélicas: a terra tudo propiciava aos homens e eles permaneciam em seus próprios territórios. A busca de novos caminhos atingiu os mares e os homens começaram a destruir a natureza para transformar os pinheiros em embarcações (*El.* 1. 3, 37), que percorreram os mares e chegaram a terras

---

<sup>44</sup> Valemo-nos do texto da editora Les Belles Lettres (cf. bibliografia).

desconhecidas em busca do lucro comercial (*El.* 1. 3. 39-40). Já aqui podemos estabelecer novamente um contraponto com Ovídio: vale-se ele igualmente do substantivo latino *pinus* para designar embarcação; ele poderia simplesmente usar *navis*, mas emprega por metonímia *pinus*, matéria de que se constrói a nau: *Nondum caesa suis [...] / montibus in liquidas pinus descenderat undas*, “Cortado de seus [...] / montes, ‘o pinheiro’ ainda não tinha descido até as ondas líquidas” (*Met.* 1. 94-95). Horácio usa igualmente o mesmo substantivo para se referir à embarcação dos argonautas (*Ep.* 16. 57); ideia presente também em Virgílio (*Buc.* 4. 38).

Lembra-nos Tibulo que *in illo tempore* os animais não eram subjugados pelo homem (*El.* 1. 3. 41-42): indômitos gozavam da mesma tranquilidade e não tinham de dedicar toda sua existência numa vida servil ao sustento humano. O homem não precisava domar a natureza, pois que já estava a seu favor.

Tibulo vai mais além e nos lembra a ausência de portas e demarcações entre as propriedades (*El.* 1. 3. 43-44); demarcações que, ainda hoje, são muitas vezes motivo de homéricas disputas. Aqui se faz mister lembrar a referência feita por Ovídio à ausência do medo mútuo (*Met.* 1. 91), à ausência de leis (*Met.* 1. 90) e de justiceiros (*Met.* 1. 93).

A ideia de fartura tendo como símbolos o leite e o mel ressurgiu (*El.* 1. 3. 45-46); novamente a questão da dispensabilidade da pecuária à existência humana. Ovídio refere-se aos “rios de leite”, *flumina lactis* (*Met.* 1. 111); Horácio, às “tetos cheias” (*tenta ubera*) de leite (*Ep.* 16. 50) e à espontaneidade com que chegavam as cabras para serem ordenhadas (*Ep.* 16. 49); Virgílio delinea o mesmo quadro de Horácio (*Buc.* 4. 21-22). O mel em todos eles é citado como gotejando constantemente do carvalho (*Ov. Met.* 1. 112; *Hor. Ep.* 16. 47; *Virg. Buc.* 4. 30); o mel brotaria do carvalho sem a intervenção da abelha: até a própria abelha teria sua tranquilidade na idade áurea. Tibulo, referindo-se aos homens, usa aí o qualificativo *securis* (*El.* 1, 3, 46), que nos passa a ideia de “despreocupado”, “sem medo”, “seguro” de que não haverá mudanças, de que toda a natureza existe para garantir essa condição ao homem; ele não precisa buscar nada, tudo vem às suas mãos: “e espontaneamente levavam as ovelhas suas tetos de leite (aos homens) ‘livres de preocupação’”, *ultroque ferebant obuia securis ubera lactis oues* (*El.* 1. 3. 45-46).

Tibulo não poderia deixar de mencionar a ausência completa de guerras e de qualquer coisa que pudesse suscitá-las: exércitos, ódio, ar-

mas (*El.* 1. 3. 47-48). Ele se vale de um substantivo muito forte que não é citado por nenhum dos outros: *ira* (*El.* 1. 3. 47). Quer o poeta ver o homem superar seus limites pondo de lado os instintos nefastos à convivência pacífica tais como o ódio, instigador de guerras. A mesma alusão nos faz Ovídio (*Met.* 1. 97-100), lembrando-nos os *mollia otia* (“doces lazes ou descansos”), única “preocupação” da vida de então. Podemos dizer que em Horácio a alusão à guerra está presente na referência feita à “fati-gada coorte de Ulisses”, *laboriosa cohors Vlizei*, (*Ep.* 16. 60), maquinador do célebre Cavalo de Troia em sua tentativa de conquistar aquela cidade. Virgílio simplesmente lembra “os vestígios da antiga maldade”, *priscae uestigia fraudis* (*Buc.* 4. 31); maldade que obrigava os homens a afrontar os mares (*Buc.* 4. 32) e a “cercar cidades com muros”, *cingere muris / oppida* (*Buc.* 4. 32-33).

Tíbulo, consciente de sua “real” situação, ao vivenciar as agruras das guerras, os tormentos, as “matanças e feridas”, *caedes et uulnera* (*El.* 1. 3. 49), marcas da Idade de Ferro que surgiram, como diz o poeta, “sob o domínio de Júpiter”, *Ioue sub domino*, evoca os tempos míticos da idade áurea, tempos felizes de paz constante que favoreciam então a Itália. Os caminhos que na Idade de Ouro não havia, abrem-se agora por mar e por terra à morte (*El.* 1. 3. 50; cf. também: *Ov.*, *Met.* 1. 96). Tibulo fecha sua descrição referindo-se às mesmas estradas do verso 36 que serviam para distanciá-lo de sua amada e de seus entes queridos, que serviam para lhe trazer saudades e doença, que serviam para alimentar a *ira* (*El.* 1. 3. 47) instigadora das guerras entre os povos: a evocação da Idade de Ouro pauta-se como antítese ao momento por ele vivenciado; ele sofre torturado pela dor provocada pela doença e pela ausência da pátria e da amada.

## 6. Virgílio: a profecia

Na *Bucólica IV*, Virgílio, invoca as musas da Sicília<sup>45</sup> (v. 1) – pátria de Teócrito, considerado o criador da poesia pastoril –, dedica seu poema a Polião<sup>46</sup>, então cônsul (v. 3) – negociador da Paz de Brindes –, anuncia a volta dos tempos de Saturno e da constelação da Virgem<sup>47</sup> (v.

---

<sup>45</sup> “Ó Musas da Sicília, cantemos coisas um pouco mais elevadas” - *Sicelides Musae, paulo maiora canamus*.

<sup>46</sup> “Se cantamos os bosques, que os bosques sejam dignos de um cônsul” - *Si canimus siluae, siluae sint consule dignae*.

<sup>47</sup> “Já volta também a Virgem, já o reino de Saturno” - *Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna*.

6) – tempo de paz e de concórdia que agora parecia vir a se concretizar com as negociações de Polião. Apontando para o fim do reino de Apolo<sup>48</sup> (vv. 4 e 10) – marcado por tantos morticínios devido às guerras civis –, pede ainda a proteção da deusa Lucina à criança nascitura<sup>49</sup> (vv. 8-10) – símbolo desse novo tempo de felicidade. Assinalando ter início no consulado de Polião<sup>50</sup> (vv. 11-13), esse novo tempo era concebido pelo poeta como um retorno aos tempos paradisíacos da Idade de Ouro:

At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu<sup>51</sup>  
errantis hederas passim cum baccare tellus  
mixtaque ridenti colocasia fundet acantho; 20  
Ipsae lacte domum referent distenta capellae  
ubera, nec magnos metuent armenta leones;  
ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.  
Occidet et serpens, et fallax herba ueneni  
occidet; Assyrium uolgo nascetur amomum. 25  
At simul heroum laudes et facta parentis  
iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,  
molli paulatim flauescet campus arista,  
incultisque rubens pendebit sentibus uua,  
et durae quercus sudabunt roscida mella. 30  
Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,  
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris  
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.  
Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo  
delectos heroas; erunt etiam altera bella, 35  
atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.  
Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,  
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus  
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.  
Non rastros patietur humus, non uinea falcem; 40  
robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;  
nec uarios discet mentiri lana colores,  
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti  
murice, iam croceo mutabit uellera luto;  
sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos. 45

---

<sup>48</sup> “Já chegou a última época da predição de Cumas [...] reina então teu irmão Apolo” - *Vitima Cuma-ei uenit iam caminis aetas [...] tuus iam regnat Apollo.*

<sup>49</sup> “Apenas protege, casta Lucina, a criança que nasce” - *Tu modo nascenti puero [...] casta, faue, Lucina.*

<sup>50</sup> “E justamente por ti, ó Polião, sendo tu cônsul, a honra deste tempo terá início, e, sob o teu comando militar, os grandes meses começarão a se suceder” - *Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit, / Pollio, et incipient magni procedere menses / te duce.*

<sup>51</sup> Valemo-nos do texto da editora Les Belles Lettres (cf. bibliografia).

A ti, porém, ó menino, produzirá, sem qualquer cultivo, a terra heras errantes aqui e ali com o nardo, e colocásias misturadas ao alegre acanto, os primeiros presentinhos. As cabras por si mesmas levarão para casa suas tetas distensas de leite, e os rebanhos não temerão os grandes leões. Teu próprio berço produzirá a ti agradáveis flores; tanto a serpente como a pérfida erva venenosa morrerá; por toda a parte nascerá o amomo assírio. Mas logo que tu já puderes ler os louvores dos heróis e os feitos de teu pai, e saber o que é a virtude, o campo paulatinamente amarelecerá com a macia espiga, tanto a uva vermelha penderá dos espinheiros selvagens, como os rijos carvalhos destilarão orvalhos de mel<sup>52</sup>. Poucos vestígios contudo da antiga maldade subsistirão, tais que ordenem aos homens de afrontar Tétis com as naus, de cercar cidades com muros, de abrir sulcos na terra. Haverá então um outro Tffis e uma outra Argo que transporte heróis escolhidos; haverá também outras guerras, e um grande Aquiles será mandado novamente a Troia.

Depois, quando a idade já fortalecida te tiver feito um homem, por si mesmo retirar-se-á o navegante<sup>53</sup> do mar, e nem o pinheiro náutico<sup>54</sup> trocará mercadorias: toda terra produzirá todas as coisas. A terra não admitirá o ancinho, a vinha a foice; já também o robusto lavrador desatará os bois das cangas, nem a lã aprenderá a simular diversas cores; mas nos prados o carneiro por si mesmo mudará a cor natural dos velos, ora em púrpura suavemente avermelhada, ora no amarelo açafroado; o escarlata por si mesmo vestirá os cordeiros que pastam.

Percebemos que Virgílio considera três fases do crescimento da criança, que encontra similaridade no gradual retorno da Idade de Ouro, a qual se consolidará em sua fase adulta. Evidencia que o menino, símbolo de uma nova era, receberá da terra, sem a intervenção de mãos humanas, os primeiros presentes (*Buc.* 4. 18). É a própria terra que o saúda, que lhe dá boas-vindas e põe ao seu lado “heras errantes”, *errantis hederas* (*Buc.* 4. 19) – símbolo da fecundidade e da inspiração literária<sup>55</sup> –, o nardo –

---

<sup>52</sup> Acreditava-se na Idade de Ouro que o mel baixava do céu e aparecia como gotas de orvalho nas folhas das árvores – até as abelhas repousariam.

<sup>53</sup> O latim *vector* (v. 38) é por alguns traduzido como “comandante”, por outros como “passageiro”, pois lexicograficamente tem tanto o sentido ativo quanto passivo. Carolus Ruæus (1846, p. 94) nos certifica disso quando nos afirma que “se traduz tanto de forma ativa como ‘aquele que conduz’, como de forma passiva como ‘aquele que é conduzido’” - *tam active dicitur pro eo qui vehit, quam passive pro eo qui vehitur*. Devido à ambiguidade, preferimos portanto como solução o termo “navegante”, o que satisfaz semanticamente com ambos os sentidos.

<sup>54</sup> Ou simplesmente “navio”.

<sup>55</sup> Os poetas se coroavam de hera – cf.: *Buc.* 7. 25: “Pastores, ornai com hera o poeta que nasce” - *Pastores, hedera nascentem orname poetam*; 8. 13: “E permita que esta hera serpenteie-te ao redor de tua frente, entre os louros da vitória” - *Atque hanc sine tempora circum / inter uicticris hedera tibi serpere laurus*. A hera era particularmente consagrada a Baco, e se denominavam *bacchæ* as coroas de erva que eram levadas às festas desse deus. Baco ou Dionísio, deus do vinho e da inspiração

símbolo de proteção contra qualquer tipo de malefício<sup>56</sup> –, colocásias – símbolo de fartura, significando que nada há de faltar ao seu sustento<sup>57</sup> –, o acanto – símbolo de alegria, predizendo que a vida do menino há de ser cercada de acontecimentos festivos<sup>58</sup>.

O poeta nos apresenta novamente a imagem da ausência de fome, da fartura: as cabras oferecem espontaneamente à ordenha suas tetas pesadas de leite (*Buc.* 4. 21-22): uma referência à primeira alimentação da criança. Ovídio utiliza a expressão “rios de leite”, *flumina lactis* (*Met.* 1. 111). Horácio ressalta fartura de leite de cabra (*Ep.* 16. 49) e de vaca (*Ep.* 16. 50) e, Tibulo, de leite de ovelha (*El.* 1. 3. 46). Virgílio visualiza a natureza animal desprovida de seu aspecto hostil: o pronome demonstrativo *ipsae* no verso 21 (*Ipsae lacte domum referent distenta capellae*, “as cabras ‘por si mesmas’ levarão para casa as tetas distensas de leite”) enfatiza a determinação dos seres irracionais em servir aos homens. O poeta parece criar um mundo antropocêntrico no qual toda a natureza se acha envolvida no bem-estar humano; daí se notar um processo de humanização que se estende a outros seres. Aqui já percebemos uma imagem de plena harmonia, de uma paz completa; mostra-nos uma completa ausência de cuidados e de sofrimentos que atormentavam o homem na idade férrea.

Também as feras selvagens são inofensivas e convivem em harmonia com os outros animais: “os rebanhos não temerão os grandes leões”, *nec magnos metuent armenta leones* (*Buc.* 4. 22). O poeta está em consonância com a descrição de Ovídio que menciona a mansidão dos animais selvagens no tempo áureo, prefigurando, assim, a ausência de qualquer temor (*Met.* 1. 91). Horácio visualiza o urso (*Ep.* 16. 51) como um ser inofensivo diante de um redil. Para Horácio, o paraíso sonhado

---

poética, era festejado com grandes procissões, nas quais se punham, representados por máscaras, os gênios da Terra e da fecundidade. Esses cortejos deram origem às representações teatrais: a comédia, a tragédia e o drama satírico.

<sup>56</sup> Dizia-se que o nardo (*baccaris*, v. 19) livrava dos malefícios – cf.: *Buc.*, 7. 27-28: “Cingi minha fronte de nardo rústico, para que sua língua maléfica não prejudique ao futuro poeta” - *Baccare frontem / cingite, ne uati noceat mala lingua futuro*. N.B.: O nardo rústico é uma erva que é tida como antídoto dos feitiços. Em “sua língua maléfica” refere-se a Codro cujos elogios exagerados poderiam despertar a inveja dos deuses de cuja cólera poderia ser ele (Tírsis) vítima.

<sup>57</sup> As colocásias, ao que parece, foram trazidas do Egito, e suas raízes eram usadas como alimento.

<sup>58</sup> O acanto era alegre por sua bela cor púrpura e por sua forma agradável; daí surgiram os desenhos dos capitéis coríntios.

encontra espaço nas ilhas Afortunadas que alimentam no imaginário de então os tempos míticos da idade áurea. Tibulo quando nos fala das casas sem portas (*El. 1. 3. 43*) e da falta de limites nos campos (*El. 1. 3. 43-44*) refere-se à inexistência do medo, da ambição humana, do individualismo, sinais da idade férrea; tudo é comum, tudo é partilhado<sup>59</sup>: reina a confiança mútua e a concórdia, características marcantes da idade áurea. Tibulo chama atenção para o ódio dos corações humanos, desencadeador de todo um processo que leva à degradação do mundo, representado, no poema, pelas guerras. Virgílio, por sua vez, constrói uma imagem poética ímpar de convivência pacífica, motivo de reflexão para os homens.

E reforça o vate essa ideia nos versos seguintes quando profetiza o extermínio completo da serpente e da “pérfida erva venenosa”, *fallax herba ueneni* (*Buc. 4. 24-25*). O homem aos poucos, à proporção que o menino cresce, poderá desfrutar dos lugares antes hostis, nutrir-se do que a terra produz, livre de qualquer preocupação (cf.: *Hor. Ep. 16. 52*; *Tib. El. 1. 3. 46*). Já aqui percebemos uma expectativa de mudança no mundo: ocorre, segundo o poeta, uma transformação gradativa cujo prenúncio é atestado no verso 23 (*Buc. 4*): “Teu próprio berço produzirá a ti agradáveis flores”, *ipsa tibi blandos fundent cunabula flores*, e no verso 25 (*Buc. 4*): “Por toda a parte nascerá o amomo<sup>60</sup> assírio<sup>61</sup>”, *Assyrium uolgo nascetur amomum*. O menino aqui, queremos crer, representa toda uma nova geração, uma *noua progenies* que como o poeta mantuano diz no verso 7 está sendo enviada “do alto céu<sup>62</sup>”, e a qual terá, segundo os anseios do poeta, a felicidade de vivenciar tempos promissores.

Depois vem a adolescência e o poeta ressalta os aspectos característicos dessa fase em que o menino pode ler “os louvores dos heróis, os feitos do pai”, *heroum laudes et facta parentis* (*Buc. 4. 26*) e, sobretudo, “saber o que é a virtude”, *et quae sit poteris cognoscere uirtus* (*Buc. 4. 27*): a formação do homem e do cidadão deve se pautar pela leitura dos bons exemplos. A *uirtus* designa as qualidades que todo o cidadão romano deveria possuir: a força, a coragem, boas qualidades morais e o respei-

---

<sup>59</sup> Cf. Hes., *Os trabalhos e os Dias*, vv. 116-117: “*Todos os bens lhes (=aos homens) pertenciam*” - ἔσθλα δὲ πάντα τοῖσιν ἔην.

<sup>60</sup> O amomo era uma planta aromática do Oriente (da Armênia, da Média).

<sup>61</sup> O adjetivo latino *Assyrium* não significa que a planta seja assíria: os produtos do Oriente chegavam a Roma pelo porto da Síria, e o termo *Assyrium* era comumente usado por *Syrium*.

<sup>62</sup> “Já uma nova geração é enviada do alto céu” - *iam noua progenies caelo demittitur alto*.

to. Por isso, podemos entender esse poema como um apelo à revitalização da alma humana, dominada então pelo ódio, uma proposta de mudanças desejáveis para a construção de um mundo melhor.

A Idade de Ouro aos poucos vai se consolidando na terra. Durante o período da adolescência do menino, os homens, ainda que diante dos poucos “vestígios da antiga maldade”, *priscae uestigia fraudis* (*Buc.* 4. 31), não terão de enfrentar os arriscados mares (*Buc.* 4. 32), de “abrir sulcos na terra”, *telluri infindere sulcos* (*Buc.* 4. 33), e de isolar suas cidades com muralhas (*Buc.* 4. 32-33). O genitivo *fraudis* do verso 31 (*Buc.* 4) designa toda a miséria humana que se estabeleceu na idade férrea e que forçava o homem a buscar outros mares, a arriscar sua vida visando ao lucro com mercadorias estrangeiras (cf.: *Ov. Met.* 1. 94-96; *Tib. El.* 3. 37-40). Essa fase verá renascer “um outro Tífis<sup>63</sup>”, *alter Typhis* (*Buc.* 4. 34), “uma outra Argo”, *altera Argo*, com “seus heróis escolhidos<sup>64</sup>”, *delectos heroas* (*Buc.* 4. 34-35), “outras guerras”, *altera bella*, (*Buc.* 4. 35) e um outro Aquiles<sup>65</sup> (*Buc.* 4. 36), heróis característicos da fase heroica, símbolos de bravura e coragem.

Só mesmo em sua fase adulta é que a Idade de Ouro estará definitivamente implantada na terra, e só aí poderá o navegante abandonar o mar (*Buc.* 4. 38): não haverá o comércio marítimo (*Buc.* 4. 38-39), nem tampouco as conquistas de novas terras, pois “toda terra produzirá todas as coisas”, *omnis feret omnia tellus* (*Buc.* 4. 39). Não se terá necessidade do plantio (*Buc.* 4. 40), nem da colheita da uva (*Buc.* 4. 40), nem se precisará subjugar o touro na lavoura (*Buc.* 4. 41). Os homens, por fim, estarão completamente livres do comércio e suas vestes serão tingidas naturalmente (*Buc.* 4. 42): as mais nobres cores das vestimentas (púrpura<sup>66</sup> ou o amarelo<sup>67</sup> açafroado<sup>68</sup>) serão pintadas pela própria natureza nos velos

---

<sup>63</sup> Tífis era o piloto do navio Argo (daí serem os tripulantes chamados de argonautas) na expedição para a Cólquida em busca do Velocino de Ouro.

<sup>64</sup> Levava a nau Argo, além de seu comandante, Jasão, outros cinquenta heróis escolhidos (*delectos heroas*) tais como Hércules, Orfeu, Castor e Pólux, Peleu, Teseu, Zetes e Cálais e outros tantos.

<sup>65</sup> Herói grego, altivo e implacável, cuja cólera foi cantada por Homero na *Iliada*, e que participou da tomada de Troia.

<sup>66</sup> O latim *murex* (múrice), v. 44, designa o molusco do qual se extrai a púrpura; está aqui pela cor – cf.: Virgílio, *En.* 9. 614: “As vestes vos foram pintadas com a cor do brilhante múrice e do açafroão”- *Vobis picta croco et fulgenti murice uestis*.

<sup>67</sup> O latim *luto* (*gauda*), v. 44, é a planta donde se extrai a cor amarela; está também aqui pela cor.

dos carneiros (*Buc.* 4. 43-44) e o cordeiro terá em seu pelo a cobiçada cor escarlate<sup>69</sup> (*Buc.* 4. 45). A concepção virgiliana acerca da Idade de Ouro, que se projeta no imaginário do poeta para tempos vindouros, acha-se fundamentada na confiança e na esperança de que o homem se transforme, e possa ser o agente da reconstrução de um novo mundo cujo símbolo é um menino “sob o qual terá fim primeiramente a raça férrea, e *no mundo inteiro* surgirá a áurea”, *quo ferrea primum / desinet ac toto surget gens aurea mundo*<sup>70</sup> (*Buc.* 4. 8-9), novo mundo cuja feliz vinda assinala o poeta com o seguinte verso: “Olha como todo o mundo se alegra com o século que há de vir”, *Aspice uenturo laetantur ut omnia saeclo* (*Buc.* 4. 52).

Tendo em vista os autores estudados, que fizeram da Idade de Ouro o motivo de seu poema, evidencia-se a peculiaridade virgiliana de projetar o mito da Idade de Ouro para os tempos futuros, o que nos leva a inquirir acerca do mito do Eterno Retorno, concepção cíclica nas culturas históricas, cuja presença dá voz profética a todo poema.

---

<sup>68</sup> O adjetivo *croceo* (de açafão ou açafroado), v. 44, é uma referência ao açafão (*crocus* ou *crocum*), planta donde também se extrai a cor amarelo-forte.

<sup>69</sup> Segundo os comentaristas, Virgílio cometeu aqui um erro: o azarcão (*sandyx*, v. 45) não é uma planta colorante, mas uma cor mineral obtida pela mistura de cerusita e terra vermelha – como nos assegura Plínio, o Antigo (*Hist. Nat.*, 35. 23. 1):

Haec si torreatur aequa parte rubrica admixta, sandycem facit. Quanquam animaduerto Virgili-um existimasse herbam id esse, illo uersu: “Sponte sua sandyx pascentes uestiet agnos”. Pretium in libras, dimidium eius, quod sandarachae. Nec sunt alii duo colores maioris ponderis.

Se esta (refere-se à cerusita) é queimada com terra vermelha – misturadas em partes iguais –, produz o azarcão. Embora eu censure Virgílio por ter acreditado, pelo seu verso, que isto era uma planta: “Sponte sua sandyx pascentes uestiet agnos”. Seu preço, em libras romanas, equivale à metade do preço daquela que chamamos de rosalgar; e não há outras duas cores de maior valor.

Carolus Ruaeus (in Virg., *Opera*, 1846, p. 94) admite, além da tradução “escarlate”, os termos “vermelhão”, “cor-de-fogo”: “*Da mesma cor do fogo, ou do minio [...] ou a planta ou a erva da qual dizem alguns ser a flor semelhante ao escarlate*” - *Flammae, vel minio concolor [...]. Vel frutex, aut herba, cuius dicitur a quibusdam flos similis cocco.*

<sup>70</sup> Refere-se aí aos homens da Idade de Ferro e àqueles da Idade de Ouro – confira ainda: Cíc. *Da Nat.* 2. 159: “Por aquela raça de ouro, como falam os poetas” - *Ab illo aureo genere, ut poetae loquuntur.* Acreditava assim o poeta estar na Idade de Ferro, a qual seria seguida por uma nova Idade de Ouro quando os deuses e os homens conviveriam harmoniosamente.

## 7. Considerações finais

Ressalte-se que esta bucólica é singular em comparação com as demais que integram o *corpus* virgiliano e resguarda em sua estrutura aspectos que a aproximam do gênero épico, mas, em última instância, privilegia o bucolismo que, revitalizado nas fontes míticas, constitui fator de renovação do homem e do mundo.

Virgílio, ao retomar a temática da Idade de Ouro, imprime-lhe características peculiares, uma vez que parece reavivar na mente de seus contemporâneos os ideais da mítica idade áurea, presentes no imaginário coletivo, projetando-a como tempo de esperança no futuro.

É necessário entender a diversidade de perspectiva nos poetas latinos que nos descrevem a Idade de Ouro. Ovídio descreve esse tempo mítico, o qual nos apresenta distante e sem retorno; não nutre por ele qualquer sentimento de nostalgia. Horácio refere-se às ilhas Afortunadas, lugar destinado aos virtuosos que povoa o imaginário coletivo, cuja descrição parece evocar os áureos tempos do passado mítico. Tibulo busca na mítica idade áurea o refúgio para os sofrimentos e angústias que experimenta. A dura realidade, contudo, impõe-se-lhe e o poeta é obrigado a encarar momentos de profunda dor, provocados pela idade férrea.

Virgílio, contudo, compõe um poema “digno de um cônsul” no qual enaltece a figura de Asínio Polião então cônsul, cuja participação foi notável no acordo de paz em Brindes. Assinale-se, ainda, o nascimento de seu filho caçula, Asínio Salonino, segundo Carcopino, a criança a que se refere o poema. O nascimento dessa criança prefigura, pois, o alvorecer de uma nova era para a humanidade, que gradativamente se consolidará conforme o seu desenvolvimento natural, atingindo a sua maturidade na fase áurea.

Assim, o poeta-vate, valendo-se do oráculo da Sibila, prenuncia a chegada de uma nova era, faz-se mensageiro de tempos gloriosos que ele recria à luz do mito da Idade de Ouro, que ele manifesta como época de perfeita harmonia em confronto com os fatos vigentes, identificados com a Idade de Ferro.

Acreditamos, por fim, que a Quarta Bucólica de Virgílio, cuja temática é uma celebração à paz, possui uma mensagem atemporal e sem fronteiras, uma mensagem de otimismo evocadora dos eternos anseios humanos de concórdia, já presentes de certa forma *in illo tempore*, ou,

como nos assegura Carcopino (1930, p.194), “uma mensagem imortal da esperança humana”, *un message immortel de l’humaine esperance*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARCOPINO, Jérôme. *Virgile et le mystère de la IV<sup>e</sup> Éclogue*. Paris: L’Artisan du Livre, 1930.

CICÉRON. *De natura deorum*. 1. éd. Tome II. Texte établi par H. Le Bonniec. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

CROISET, Alfred & CROISET, Maurice. 10. éd. *Manuel d’histoire de la littérature grecque*. Paris: E. de Boccard, 1900.

HÉSIODE. *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*. 15. éd. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris: les Belles Lettres, 1996.

HORACIO. *Odas-Epodos-Arte Poética*. 1. ed. Introducción, traducción y notas de Alfonso Cuatrecasas. Barcelona: Bruguera, 1984.

\_\_\_\_\_. *Odes et Epodes*. 12. éd., révu et corrigé par J. Hellegouarc’h. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

\_\_\_\_\_. *Satires*. 11. éd. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

LUCRÈCE. *De la nature*. Tome II. 5. éd. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1985

OVIDE. *Les fastes*. Traduit et annoté par Henri Le Bonniec. Paris: Les belles lettres, 1990.

\_\_\_\_\_. *Les métamorphoses*. Tome I. 7. éd. Texte établi et traduit par G. Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

PLINE L’ANCIEN. *Histoire naturelle*. Texte établi et traduit par M. Croisille. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

TIBULLE et Corpus Tibullianum. *Élégies*. Texte établi et traduit par M. Panchont. Paris: Les Belles Lettres, 1924.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VIRGILE. *Bucoliques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. Paris:

Les Belles Lettres, 1925.

\_\_\_\_\_. *Bucoliques*. 2. éd. Texte établi et traduit par E. Saint-Denis. Revue et corrigée. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

\_\_\_\_\_. *Enéide*. Tome III. 2. éd. Texte établi et traduit par J. Perret. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

\_\_\_\_\_. *Géorgiques*. 7. ed. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

\_\_\_\_\_. *Opera*. Tomus primus. Interpretatione et notis illustravit Carolus Ruaeus. Jussu christianissimi regis ad usum serenissimi delphini. Editio novissima accurate recognita cui accesserunt in notis nomina lusitana rei rusticae animalium atque plantarum necnon ad Georgica appendix, lusitano sermone quamplurimis adnotationibus locupletata studio et opera J.-I. Roquete. Paris: Aillaud, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1846.